

MISSÃO E PROFISSÃO: A CRÍTICA LITERÁRIA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA NOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS DA IMPRENSA CARIOCA

Ricardo A. G. Maciel¹

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49691>

RESUMO: Este artigo aborda a atuação de Sérgio Buarque de Holanda como crítico literário na imprensa carioca, entre as décadas de 1940 e 1950. A partir da análise de artigos publicados pelo autor, o estudo busca compreender como sua produção articulou elementos da crítica literária, da história e das ciências sociais, em um contexto marcado pelo processo de especialização dessas áreas de estudo, na formação de uma concepção própria sobre a atividade crítica. A pesquisa se baseia na leitura de uma ampla quantidade de artigos publicados nos suplementos literários, privilegiando uma abordagem que destaca os sentidos atribuídos à ideia de cientificidade no campo da crítica e os deslocamentos provocados pela emergência da sociologia como forma de conhecimento heurístico. Argumenta-se que a crítica literária funcionou como espaço privilegiado de interlocução entre saberes, articulada à emergência das ciências sociais como linguagem própria no cenário intelectual. O artigo contribui, assim, para uma reflexão sobre os modos de inserção da sociologia na esfera pública e os vínculos entre literatura, imprensa e o desenvolvimento do pensamento social brasileiro.

Palavras-chave: Ciências sociais na imprensa; crítica literária e imprensa; pensamento social brasileiro; Sérgio Buarque de Holanda; suplementos literários.

MISSION AND PROFESSION: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA AS LITERARY CRITICS IN BRAZILIAN PRESS

ABSTRACT: This paper examines Sérgio Buarque de Holanda's work as a literary critic in the Rio de Janeiro press between the 1940s and 1950s. Through an analysis of articles published by the author, the study seeks to understand how his work articulated elements of literary criticism, history, and the social sciences, in a context marked by the process of specialization in these fields of study. The research is based on a wide range of articles, focusing on an approach that highlights the meanings attributed to the idea of scientificity in the field of criticism and the shifts provoked by the emergence of sociology as a form of heuristic knowledge. It argues that literary criticism functioned, during this period, as a privileged space for dialogue between different fields of knowledge, articulated with the emergence of the social sciences as a distinct language in the intellectual landscape. The article thus contributes to a reflection on the ways in which sociology is inserted into the public sphere and the links between literature, the press and the development of social thought in Brazil.

¹ Doutorado em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: ragmaciel@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5248-3147>.

Keywords: Brazilian literary criticism; Brazilian social thought; literary supplements to newspapers; Sérgio Buarque de Holanda; social sciences in the press.

Introdução

A crítica literária desempenhou, ao longo da primeira metade do século XX, um papel central na configuração do espaço intelectual brasileiro, constituindo, como afirma Antonio Candido (2006), um fenômeno central da “vida do espírito”. Mais do que uma prática voltada à avaliação estética das obras, ela operava como arena de disputas simbólicas, na qual se afirmavam visões de mundo, projetos de modernização e distintas formas de se conceber a articulação entre arte, sociedade e conhecimento científico.

No Brasil, a atividade crítica ganhou contornos mais sólidos a partir do último quarto do século XIX, por meio de autores como José Veríssimo (1857–1916), Sílvio Romero (1851–1914) e Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848–1911), pioneiros que constituem a chamada “geração de 1870”. Suas principais preocupações giravam em torno da construção de uma identidade nacional, do diálogo com as ciências sociais e naturais e da defesa de uma crítica literária de caráter “científico”, capaz de explicar a produção artística a partir de fatores sociais, raciais e ambientais. Ao mesmo tempo, pretendiam alinhar o Brasil ao “progresso” das nações modernas, colocando a literatura no centro do debate sobre a formação histórica e cultural do país. A atuação desses intelectuais, podemos dizer, marcou a crítica literária como um elemento central do próprio processo de formação da literatura em nosso país.

Esse legado projetou-se sobre as décadas seguintes, quando a crítica se instituiu definitivamente como uma instância permanente de avaliação do meio literário, tendo por principal plataforma de expressão a imprensa periódica (Jackson e Blanco, 2014). A esta geração pertencem nomes como Múcio Leão (1898–1969), Agrippino Grieco (1888–1973), Alceu Amoroso Lima (1893–1983), Álvaro Lins (1912–1970), Lucia Miguel Pereira (1901–1959), Tasso da Silveira (1895–1968), Augusto Frederico Schmidt (1906–1965), Octávio de Faria (1908–1980), Pedro Dantas (1904–1977), Roberto Alvim Corrêa (1901–1983) e Plínio Barreto (1882–1958).

A respeito do campo intelectual desse período, Miceli (2001) assinala que o fim da Primeira República rompeu o pacto oligárquico, fazendo com que os membros das elites adotassem estratégias variadas para evitar o rebaixamento de suas posições sociais. Privados dos antigos postos, eles passaram a se abrigar em outras funções, dentre as quais as carreiras intelectuais, onde a atividade crítica literária ocupava grande espaço. Apesar de apresentar importantes diferenças em relação aos seus antecessores, a formação intelectual desses críticos ainda era marcada, em grande medida, pelo caráter polímata e autodidata — haja vista a incipiência das formações universitárias especializadas. Segundo Serrano (2022), o círculo de críticos do início do século XX ainda visava menos à diferenciação de funções do que à manutenção de um prestígio coletivo do próprio grupo, a fim de preservar o controle dos postos de poder, dentro do contexto de reconfiguração social pós 1930.

A partir dos anos 1940, contudo, esse cenário passaria por mudanças importantes. Nesse momento, a crítica literária no Brasil passou por um processo de crescente especialização científica, marcado pela consolidação da Universidade como espaço central de produção intelectual. Nesse contexto, a crítica se distanciou gradualmente do caráter “impressionista” e ensaístico, predominante nas décadas anteriores, incorporando métodos analíticos mais sistemáticos, influenciados pela sociologia, pela linguística e pela teoria literária internacional.

Ao mesmo tempo em que se consolidava como um campo de especialização, a crítica literária mantinha interfaces com outras práticas discursivas e disciplinas, como a história, a filosofia e a sociologia. Esse movimento não apenas reforçava a duradoura influência da forma literária sobre outros gêneros e domínios do pensamento, como também evidenciava a existência de uma fronteira permeável entre os diferentes campos. É nesse contexto que se insere a produção de Sérgio Buarque de Holanda como crítico literário atuante na imprensa. Por meio de uma escrita que transitava entre a crítica e a análise social, Buarque de Holanda, e alguns de seus contemporâneos, mobilizaram conceitos e referências inseridos em uma abordagem histórica e sociológica da cultura brasileira.

O objetivo deste trabalho foi examinar como a produção jornalística do autor articulou elementos da crítica literária, da história e das ciências sociais, em um contexto marcado pelo processo de especialização dessas áreas de estudo, conformando uma visão particular sobre a atividade crítica, seus objetivos e métodos. Através da análise de um grande número de artigos publicados por ele no *Diário de Notícias* e no *Diário Carioca* buscamos compreender os sentidos atribuídos à ideia de “científico” no campo da crítica e os deslocamentos provocados pelo avanço da especialização intelectual.

A metodologia adotada combinou a pesquisa documental em acervos digitais de imprensa, por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com a análise textual dos artigos selecionados, buscando situá-los em seus contextos de produção e recepção. Nesse período abordado, os suplementos literários dos jornais conformavam um espaço privilegiado de circulação de ideias e debates sobre cultura, literatura e sociedade. Com efeito, foi sobre esses cadernos que centramos nossa atenção.

O artigo está estruturado em três partes: na primeira, reconstruímos o cenário da crítica literária brasileira no período, atentando para os embates em torno da especialização dos saberes e o lugar da sociologia nesse processo; na segunda, abordamos os principais textos de Sérgio Buarque e os debates que envolveram sua atuação como crítico, por fim, na terceira parte, refletimos sobre os sentidos assumidos pela sociologia no interior da crítica e os deslocamentos que ela promoveu na configuração do discurso intelectual.

1. Um lugar para a literatura: a crítica literária nos suplementos da imprensa brasileira

O quadro de mudanças vividas pela sociedade brasileira em meados do século XX é um fato amplamente reconhecido. A consolidação da indústria capitalista, o aumento populacional, o aprofundamento do processo de urbanização, o retorno de eleições diretas com reorganização dos partidos e o aprofundamento da burocratização do Estado são alguns dos principais aspectos

desse contexto caracterizado por André Botelho (2008) como uma “sociedade em movimento”. Essas mudanças de cunho econômico e político andavam a par de alterações importantes no campo científico-intelectual e no campo cultural de maneira ampla. O crescimento das camadas médias urbanas aumentou a demanda por bens culturais, o que ocasionou profundas repercussões sociais. Além disso, a abertura política subentende a existência de condições favoráveis para a divulgação mais ampla de ideias, fator intimamente relacionado às direções assumidas pelas mudanças na imprensa.

Em conformidade com esse momento, no contexto histórico examinado, houve um crescimento notável dos setores voltados para a produção de bens culturais, tais como a imprensa periódica, a edição de livros, a indústria cinematográfica, a indústria fonográfica e a radiodifusão. Nesse sentido, as mudanças produziram a expectativa de uma modernização efetiva do país, o que levou os participantes destes campos a engendram reformulações e iniciativas que vieram a modificar de forma significativa as feições da vida cultural e intelectual brasileira. No mesmo sentido, observamos o incremento da institucionalização universitária no Brasil, fato que repercutiu amplamente nas maneiras de se conceber a atividade intelectual.

Na imprensa, as transformações ocorridas nas décadas de 1940 e 1950 mudaram de forma profunda a compreensão e a prática do jornalismo (Ribeiro, 2000). Houve uma reformulação nos modos de conceber, produzir e distribuir as notícias, produzindo mudanças na profissionalização dos jornalistas, nos modelos de financiamento e no projeto gráfico-editorial dos periódicos. Com a modernização, a imprensa também ganhou maior autonomia e relevância social, influenciando a opinião pública e se consolidando como espaço central da esfera pública brasileira.

O contexto anterior à reforma da imprensa é caracterizado como um período em que predominava o jornalismo literário, com profundas relações entre as duas esferas (Lajolo e Zilberman, 1996). A ausência de um mercado editorial desenvolvido em bases sólidas acentuava a necessidade de os escritores recorrerem à imprensa; ao mesmo tempo, os periódicos conferiam publicidade a seus escritos. É importante, contudo, não confundir jornalismo literário com o papel da imprensa especializada em literatura. O jornalismo literário é um estilo jornalístico que se desenvolveu no século XIX e tem como característica principal a utilização de técnicas narrativas próprias à literatura (Arnt, 2001).²

Essa imbricação profunda entre o jornalismo e a literatura perdeu força quando, seguindo a diretriz de distanciar a informação da opinião, os veículos passaram a separar os textos jornalísticos daqueles mais literários. De maneira geral, os autores que se dedicaram ao tema da reforma da imprensa sublinham que essas alterações estão relacionadas a uma mudança do eixo de influência, com a adoção do modelo jornalístico norte-americano, tido como mais objetivo, em detrimento do modelo tradicionalmente praticado no Brasil, que era mais literário e opinativo, seguindo a inspiração francesa (Abreu, 2008; Ribeiro, 2000; Barbosa, 2007).

² Sobre as relações entre jornalismo e literatura ver Arnt, 2001; Ribeiro, 2000 e Rigo Bortoluzzi, 2019.

O afastamento entre informação e opinião caracteriza o processo que Silviano Santiago (1993) chamou de “desliteraturalização do jornal”. As técnicas americanas impuseram ao jornalismo um conjunto de restrições formais, que visavam retirar do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante; o uso da terceira pessoa tornou-se obrigatório. Os adjetivos e as aferições subjetivas tiveram que desaparecer, assim como as palavras com funções enfáticas ou eufemísticas (Bahia, 1990). Em decorrência das alterações na linguagem, o jornalismo obteve uma certa dose de autonomização, se transformando numa comunidade discursiva própria. A mudança na linguagem alterou também o espaço reservado para a literatura, assim “o jornal criou semanalmente para o escritor e a literatura um lugar muito especial: o suplemento literário” (Santiago, 1993, p. 13). A partir de então, “definitivamente, o espaço reservado à literatura na grande imprensa diminuiu, e deslocou-se para os suplementos literários” (Lorenzotti, 2002, p. 59).

Congregando a produção literária, os suplementos ganharam força e passaram a circular em quase todos os grandes jornais diários (Couto, 1992, p. 4). Alzira Alves Abreu (2008) reforça que os suplementos formaram redes de sociabilidade para muitos escritores na década de 1950, ajudando a estruturar o campo intelectual. À medida que os suplementos se consagravam, passou a haver uma maior clareza quanto ao seu papel de divulgador dos temas literários e intelectuais. Djalma Viana, pseudônimo de Adonias Filho, comentarista “oficial” dos suplementos, destaca esses espaços “como uma coisa que dispõe de uma função social” (Viana, 1946, p. 2). Função que outros editores encaravam como uma verdadeira missão:

Como estava dizendo, os suplementos dominicais dos nossos maiores matutinos — aqui, em São Paulo e em algumas outras capitais - estão desempenhando apreciável papel na vida literária do país. Entendo que essa missão é dupla: a de proporcionar ao grande público, leitor de jornais, páginas de nossos escritores já de nomeada nacional ou provinciana, e, ao mesmo tempo, oferecer a novos nomes o direito de surgir, de obter o que para eles é a consagração - a letra de forma. [...] Não falo só na vantagem pecuniária que, pouco a pouco, se vai tornando interessante, mas na conveniência que há nessa aproximação do escritor com o grande público dos Jornais, num país onde as edições de livros são da ordem de cinco mil exemplares, um vigésimo da edição dominical do DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Lima, 1946, p.2).

Os suplementos literários, por sua própria definição, têm por objeto privilegiado os temas da literatura. Deste modo, resenhas, poemas, contos, trechos de romances, anúncios de lançamentos editoriais, a vida social dos autores e, sobretudo, a crítica literária ocupavam a maior parte desses cadernos. Os mais significativos críticos literários do período, como Tristão de Athayde (1893–1983), Afrânio Coutinho (1911–2000), Álvaro Lins (1912–1970), Otto Maria Carpeaux (1900–1978), Sérgio Milliet (1898–1966) e outros, eram figuras frequentes, geralmente titulares de colunas fixas ou “críticos oficiais” dos suplementos da década. Nos jornais, a colaboração desses críticos se dava de duas maneiras. A primeira era a contribuição realizada de maneira esporádica, onde se abrigavam os críticos ocasionais. Já a segunda era feita pelos críticos titulares de cada periódico e ficou conhecida como crítica profissional ou crítica de rodapé.

Mesmo produzindo um deslocamento em relação aos polímatas da “geração de 1870”, os aspectos centrais da crítica de rodapé estavam ligados a um estágio de desenvolvimento do campo em que as fronteiras entre os domínios do trabalho intelectual eram pouco nítidas, o que abria espaço para a atuação “não especializada” nos jornais. Esse modelo de crítica mais “impressionista”, todavia, passou a se chocar com as alterações propostas por uma nova geração, oriunda das faculdades, mais interessada na especialização e na pesquisa acadêmica. Desse embate surgiu uma tensão entre os representantes dos dois estilos, em que os críticos mais especializados acusavam o tom impressionista dos críticos-cronistas, enquanto estes denunciavam o tom excessivamente acadêmico dos primeiros — que, segundo eles, resultaria em uma crítica permeada por jargões incompreensíveis para o público médio (Sussekind, 2002).

No Rio de Janeiro, por exemplo, a hegemonia de Tristão de Athayde e Álvaro Lins foi desafiada por Afrânio Coutinho (1911–2000), que assinou a coluna “Correntes Cruzadas” no suplemento do *Diário de Notícias*, entre 1948 e 1961. Coutinho havia morado nos Estados Unidos, de onde retornou para se estabelecer no Rio de Janeiro, inaugurando uma campanha contra os fundamentos do impressionismo e contra a prática da crítica de rodapé. Suas normatizações defendiam a especialização da crítica de acordo com os postulados da escola anglo-americana, o *New Criticism*, que identificava as questões metodológicas como o problema central da crítica. Assim, seria preciso deixar de encarar a crítica enquanto um gênero literário para considerá-la uma “disciplina autônoma”, abrigada não mais nos jornais, mas nas universidades e publicações especializadas. Ao averiguar a instituição do ensino universitário moderno como uma tendência, ele buscou registrar para si esse espaço, num momento em que ainda poucos críticos tinham relação com o meio acadêmico especializado (Jackson e Blanco, 2014).

Em São Paulo, não obstante peculiaridades diversas, observamos um movimento semelhante quanto a este processo de especialização da crítica, dos quais os intelectuais reunidos em torno da revista *Clima* são uma expressão marcante. A revista, que circulou entre 1941 e 1943, é um dos exemplos mais conhecidos sobre esse processo de busca por validação científica em torno da crítica e as relações entre os cientistas sociais e a literatura. O grupo de fundadores da revista era formado por Antonio Candido, Lourival Gomes Machado, Décio de Almeida Prado, Gilda Moraes Rocha, dentre outros membros que, pouco a frente, se tornaram colaboradores dos grandes jornais paulistas da época e alcançariam grande prestígio, do qual Candido é o principal exemplo. Após o fim da revista o grupo voltou a se reunir quando da criação do Suplemento Literário do Estado de São Paulo.

Heloisa Pontes (1998) avalia que os jovens ligados a Revista não eram inovadores apenas por si mesmos, mas também como resultado de mudanças nas divisões do trabalho intelectual e da dominação simbólica entre as elites culturais. O cientificismo sociológico deslocou esses intelectuais, que, após um período de adaptação, alcançaram o auge de suas carreiras acadêmicas apenas nos anos 60. Em seu conhecido estudo, a autora assinala que a importância daquele grupo se baseia nas concepções ali desenvolvidas que colocavam em contato a crítica literária e as ciências sociais, assinalando a tensão entre as formas de produção intelectual, onde a monografia passou a competir com o ensaio, e a pesquisa com a teoria,

refletindo a crescente divisão entre ciências sociais e literatura. Nesse momento, a sociologia brasileira emergia como uma ferramenta central para a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e culturais do país, ao mesmo tempo em que firmava suas bases institucionais, científicas e definia a atuação profissional de seus praticantes.

A trajetória dos suplementos e da atividade crítica evidencia esse ponto e, mais uma vez, põem em choque “especialistas” e “impressionistas”, numa conjuntura bem típica dos jornais cariocas e de seu meio intelectual. Contextos de transição, como o de meados do século passado, geram fricções entre o repertório anterior e as novas performances paulatinamente experimentadas pelos cientistas sociais. Houve no período uma combinação muito improvável, porém muito profícua entre novos “especialistas” e velhos “generalistas”, entre profissionais e leigos, entre cientistas e literatos.

2. “Missão e Profissão”

Um dos principais exemplos da atuação de cientistas sociais como críticos literários, bem como das formas pelas quais diferentes tendências críticas se relacionaram, pode ser encontrado na trajetória de Sérgio Buarque de Holanda (1902 – 1982). Ainda jovem, o autor envolveu-se no diálogo com o modernismo brasileiro, revelando uma reflexão alinhada às controvérsias e preocupações intelectuais de sua época.³ No âmbito do projeto modernista, Sérgio tornou-se “aliado” de Mário de Andrade no Rio de Janeiro, onde vivia desde 1921, e atuou como uma espécie de embaixador do movimento. Dentre outras ações, ele trabalhou pela difusão da revista *Klaxon* entre a intelectualidade carioca e publicou artigos em defesa do “futurismo paulista”. Antonio Candido (2012) abordou essa atuação “entre duas cidades”, destrinchando a disputa existente entre Rio e São Paulo como polos do campo intelectual e artístico brasileiro.

Além de suas obras consagradas, Sérgio Buarque manteve intensa colaboração com a imprensa escrita, escrevendo para jornais desde o início da década de 1920. Essa produção foi parcialmente reunida em livros, alguns realizados pelo próprio autor, como *Cobra de vidro* (1944) e *Tentativas de mitologia* (1979), enquanto outros foram editados e publicados posteriormente.⁴ Alguns artigos de Sérgio Buarque produzidos nesse contexto podem ser lidos, segundo Marcos Costa (2011), como uma pausa em suas reflexões mais sistematizadas para abordar acontecimentos do tempo presente.

Em 15 de setembro de 1940, Sérgio Buarque foi apresentado ao público como o novo responsável pela coluna “Vida Literária” do *Suplemento Literário do Diário de Notícias* (SLDN), publicando seu primeiro artigo sob o título “Poesia e Crítica”. Ao assumir essa coluna,

³ A atuação de Sérgio Buarque como crítico literário em seus anos iniciais foi abordada por Carvalho, 2003; Serrano, 2016 e Pacheco, 2016.

⁴ Outros trabalhos de compilação dos textos de Sérgio Buarque foram feitos por Maria Odila Silva Dias (Sérgio Buarque de Holanda, historiador, 1985), Francisco de Assis Barbosa (Raízes de Sérgio Buarque de Holanda, 1989), Antonio Candido em (Capítulos de literatura colonial, 1991) e Marcos Costa (Para uma nova história: Textos de Sérgio Buarque de Holanda, 2004) e (Escritos coligidos de Sérgio Buarque de Holanda, 2011).

ele tornou-se o crítico “oficial” do periódico, substituindo Mário de Andrade na função. A caracterização polivalente com a qual o jornal apresentou seu novo colaborador é sintomática do debate que estamos apresentando: “Historiador, sociólogo, crítico de reputação há muito firmada, estudioso dos mais complexos problemas de filosofia, o sr. Sérgio Buarque de Holanda é uma das personalidades de maior destaque na atual geração de escritores brasileiros” (Diário de Notícias, 15/09/1940, p1).

No artigo de estreia, Sérgio Buarque abordou a relação entre a produção das obras literárias e a crítica, buscando concatenar as duas atividades de forma a mitigar a pretensa relação de exclusão entre elas:

Em realidade a oposição entre poesia e crítica é apenas metafórica; procede de uma simplificação dialética e não pode ser aceita ao pé da letra. [...] O antagonismo rancoroso que se procurou forjar entre as duas espécies literárias corresponde bem ao Intelectualismo excessivo de nosso século, em que as ideias suplantaram violentamente os fatos, em que os conceitos formados da realidade substituíram-se à realidade. [...] A grande função da crítica, sua legitimação até certo ponto, está na parcela decisiva com que pode colaborar para esse esforço de recriação. Ela dilata no tempo e no espaço um pouco do próprio processo de elaboração poética. E nesse sentido não é exagero dizer-se que a crítica pode ser verdadeiramente criadora (Holanda, 1940, p.1).

Pensar o papel da crítica e sua relação com a literatura, evitando a disjunção entre as duas manifestações, foi um dos temas recorrentes em sua produção. Tal ambição, também foi expressa nos artigos sobre sociologia, quando apelou para a necessidade da análise sociológica unir a faceta histórica, política, econômica e social dos problemas abordados (Maciel, 2024). Nesse sentido, as avaliações sobre a própria atividade crítica, que também constituíram-se como um elemento fundamental de sua produção, podem ser apreendidas como evidências dessa preocupação em ligar as obras às suas condições de produção. Essa inclinação ficou evidente em diversos artigos, como “Missão e Profissão”, de 1948, que marcou seu retorno à crítica após alguns anos afastado:

Ao deixar a atividade regular de crítico literário, há mais de seis anos, eu não imaginava retomá-la algum dia. Prefiri por muito tempo conservar-me o que fora sempre, um bissexto da crítica, sem mais obrigações e responsabilidades do que escrever em horas vagas sobre livros que ocasionalmente me interessavam, e livros que, a bem dizer, pouco tinham a ver, em sua generalidade, com a literatura no sentido mais limitado e corrente da palavra. O próprio gosto desmedido da pura literatura, das belas letras, pareceu-me não raro participar de algum vício de nossa formação brasileira, que, inábil para denunciar em outros, tente frequentemente contrariar em mim mesmo. [...] Para estes, a profissão de escritor, se assim já pode-se dizer entre nós, não constitui, em realidade, apenas uma profissão, mas também e sobretudo uma forma de patriciado. Semelhante ponto de vista, nascido em grande parte do preconceito romântico que conferia ao poeta, ao letrado, ao orador, uma dignidade de exceção, graçou e ainda graça largamente no Brasil em resultado, talvez, das próprias peculiaridades de nossa formação histórica. [...] Não há dúvida que em nossos dias já se fala com muita insistência nas obrigações e responsabilidades dos intelectuais. [...] Se o intelectual tem, com efeito, uma sagrada missão a cumprir, será esta que elucidar os que não sabem ver por inocência e denunciar os que não querem ver por

conveniência. [...] Reconhecer o contrário, isto é, reconhecer que a atividade literária e cultural tem seu campo particular, e que em outros domínios ela não é diferente, nem mais eficaz, nem forçosamente melhor do que qualquer outra, não significa pretender fazer das chamadas "elites" da Inteligência um clero dispendioso e egoísta (Holanda, 1948a, p.1).

Esse trecho pontua algumas das questões centrais do debate que estamos desenvolvendo. Nele, Sérgio Buarque discorre sobre sua percepção do papel da crítica e da literatura no Brasil, criticando a valorização excessiva das formas ornamentais da expressão e a concepção romântica do escritor como um ser dotado de dignidade excepcional. Essa visão, segundo o autor, deriva de preconceitos históricos e culturais brasileiros e confere aos intelectuais um status quase aristocrático, desviando-se da real missão que deveriam cumprir, que é esclarecer e desafiar, ao invés de simplesmente gozar privilégios. O autor argumenta ainda contra a ideia de que a literatura e a atividade intelectual são superiores ou mais eficazes do que outras formas de trabalho e expressão, criticando a noção simplista de que os problemas universais podem ser resolvidos com fórmulas prontas. Ele também condena a tendência de politizar a profissão literária, transformando escritores em militantes de causas específicas, mas reconhece que essa nova abordagem trouxe vigor e uma dimensão mais humana à literatura, aproximando os escritores das realidades sociais e políticas do mundo ao seu redor.

Após esse retorno aos jornais, Sérgio Buarque se manteve constante, apresentando uma produção expressiva no SLDN pelos próximos dois anos. No tocante às considerações sobre a crítica literária apresentadas nos artigos deste período, destacamos o texto “Universalismo e provincianismo na crítica”, dedicado a avaliar a obra de Alceu Amoroso Lima e sua posição no campo da crítica literária, que de acordo com Sérgio Buarque, “ao menos nessa província literária, nenhuma influência entre nós foi até hoje mais decisiva do que a sua”:

A crítica verdadeiramente fecunda há de considerar a obra literária não apenas na sua aparência exterior, como produto acabado e estanque, mas se possível e se preciso, partir do processo de reformação e criação. Terá de incluir, por isso mesmo, e largamente, elementos extraídos da história (e da biografia), da psicologia, da sociologia, onde e quando se achem disponíveis, sem precisar confundir-se forçosamente com qualquer dessas disciplinas. [...] A análise pormenorizada da obra de arte é sem dúvida uma necessidade no terreno da crítica, mas desconfiarmos da tendência para torna-la a única forma permitida de crítica, assim como desconfiarmos dos críticos que parecem incapazes de apreender, independentemente e vigorosamente, os modos pelos quais os temas que abordam se relacionem com o resto da atividade humana (Holanda, 1948b, p.1).

Novamente vemos a argumentação em favor de uma crítica literária que ultrapasse a análise superficial da obra como um produto final. Ao invés disso, ela deve envolver um exame profundo que inclui elementos de história, biografia, psicologia e sociologia, sempre que esses estiverem disponíveis, sem necessariamente se limitar a essas disciplinas. A crítica não deve focar apenas em uma análise detalhada da obra. Igualmente, Sérgio questiona a capacidade de críticos que não conseguem conectar os temas das obras com aspectos mais amplos da atividade humana, destacando a importância de uma compreensão integrada na crítica literária.

Ainda nesse artigo, Sérgio Buarque cita Afrânio Coutinho, reputando ao crítico um caráter formalista e demasiadamente preso à análise dos aspectos formais da obra. Com isso, ele visa criticar o tipo de pretensão científica que visava apenas a manutenção de um espaço próprio dentro do quadro dos críticos em atuação. Coutinho, por sua vez, responde em sua coluna, “Correntes Cruzadas”: “Desejo dizer a Sergio Buarque de Holanda que ele não me arrastara a esta polemica deselegante de paredes meias, por ele gratuitamente provocada” (Coutinho, 1948, p.1).

Sérgio Buarque tinha gosto por polêmicas e as expressava com mais intensidade no campo da crítica literária. Ele volta a citar Coutinho no artigo “Província” (1948c), situando-se de maneira contrária tanto à crítica impressionista quanto à crítica que ele classificava como autotética. No texto, ele reafirma que a crítica deve ser elaborada dentro de uma perspectiva que leve em conta o processo de formação da obra dentro do seu desenvolvimento histórico. Novamente ele reforça sua posição contrária a uma crítica meramente científica ou que separe a dimensão científica das demais.

Nas semanas seguintes, antes de retomar o tema, Sérgio Buarque publica alguns artigos mais “tradicionais”, todavia, as análises sobre os parâmetros científicos da crítica literária estão sempre presentes. No artigo “Tempo e Verdade” (1948d), por exemplo, ele aborda a tradução recém-lançada da obra de Marcel Proust, relacionando os aspectos estéticos da obra do autor francês ao pensamento de sua época. Essa preocupação com o contexto histórico das obras é uma constante em sua produção, pois seria a forma de evitar tanto o “impressionismo quanto a avaliação apenas estética”. Em outro texto, “Pássaro Neutro” (1948e), avaliando o legado modernista sobre a nova poesia, ele reafirma este ponto se declarando fiel a um ponto de vista predominantemente histórico, e descrente da pretensão de que a obra de arte e a experiência estética tenham valor completo e independente do contexto social.

No início de 1950, Sérgio Buarque assume o posto de crítico oficial do *Suplemento do Diário Carioca*, iniciando sua contribuição com o artigo “Tema e Técnica” (1950). O gosto pelas polêmicas, no entanto, parece tê-lo acompanhado, gerando alguns dos debates mais acalorados travados por ele na imprensa carioca, nomeadamente a discussão com Euryalo Cannabrava, que iremos reconstruir adiante. Antes dos artigos que precipitaram a polêmica, no entanto, ele publica o artigo “Sílvio Romero” (1951a), lembrando o centenário de nascimento do autor de “História da Literatura Brasileira”. Buarque assinala que, no pensamento de Romero, toda atividade da inteligência e da imaginação está subordinada à “ciência experimental e positiva”, que ele desejava deduzir racionalmente a partir de determinados princípios. Nesse sentido, Sérgio Buarque se opõe a visão de Romero que entendia que qualquer estudo só seria cientificamente certo, na medida em que se conformasse a certas leis fundamentais, leis que seriam as mesmas para o mundo físico e o da cultura, afirmando ser este aspecto uma parte superada na obra do crítico pioneiro.

Para Buarque de Holanda, Romero se manteve fiel às tendências expressivas e sociais de sua época, adotando uma abordagem teórica que poderia reduzir a arte e a literatura a meros pretextos para ideias mais ousadas. Ele buscou na ciência positiva de seu tempo a base para futuras especulações, realizando uma síntese que, embora prematura, reflete seu esforço de

integrar conhecimento científico e criação artística. Buscando se posicionar frente à fortuna do escritor nordestino ele assinala:

De uma obra de arte não se pode dizer apenas que tem uma expressão, uma voz, uma linguagem, analisáveis em sua estrutura peculiar e livres de toda contingência. Ela é também uma expressão, uma voz, uma linguagem, e por esse lado há de transcender os dados de qualquer estética impessoal” [...] os dois momentos são inseparáveis e será certamente incompleto todo método de análise que não queira reconhecer sua unidade essencial (Holanda, 1951a, p1).

Em outro artigo, ao abordar o que chamou de “poesias herméticas”, ele critica o uso feito por alguns críticos do adjetivo “hermético” como forma de caracterizar determinados tipos de poesia. Ele afirma se tratar de uma nomenclatura problemática, mesmo em relação às criações poéticas em que forma e fundo são consubstancias e sua separação impossível. No seu diagnóstico, existe o risco deste tipo de crítica incorrer na deturpação do sentido da obra examinada devido ao destaque excessivo dado à “estrutura racional, o esquema de referências objetivas que serviriam para ordem nas emoções”. Segundo ele, a possibilidade de explicar o que está implícito na obra, a fim de desvendar sua face oculta, sem descuidar das particularidades técnicas e formais resulta em uma operação “sedutora” para o crítico, no entanto, inúmeras dificuldades se apresentariam ao intérprete. Sobre a aplicação deste método ele ressalva:

Foi na aplicação sistemática daqueles métodos que esse tipo de análise revelou suas limitações essenciais. Assim é que chegou a degenerar, com facilidade, numa espécie de ultra-análise, procurando atribuir à obra estudada [...] intenções secretas que estariam menos à mente do autor do que na do crítico. E assim, sob a capa enganadora do rigor e do sistema, descaiu quase sempre para um novo impressionismo, mais minucioso, porém não mais objetivo do que aqueles que professava combater (Holanda, 1951b, p.1).

Continuando o tema, em “Hermetismo e Crítica II” ele assinala que o zelo que numerosos autores puseram em seus estudos e a veemência por vezes intolerante com que alguns deles defenderam seus pontos de vista pareceram dar a seus esforços uma aparência de rigor. Entretanto, no campo da crítica e história literária essa limitação resultou na exclusão de autores, e até mesmo de escolas inteiras, porque não se acomodariam a uma crítica ocupada em desenredar paradoxos. Segundo Sérgio Buarque, isso pode ser visto como uma contrapartida da exigência que vigorava naquele momento de uma maior inelegibilidade do idioma das ciências, que tem por característica repelir as imprecisões e ambiguidades. Para o autor, isto fez com que a poesia fosse definida por oposição à prosa. Enquanto a primeira deveria ser reta e conceitual, a segunda deveria ser oblíqua e metafórica.

Nesse artigo, que precipitou a contenda com Euryalo Cannabrava, embora reconheça diferenças entre as duas formas (prosa e poesia), Sérgio Buarque considera que erigir esse padrão de avaliação “numa espécie de padrão absolutista para julgamentos críticos, é fechar definitivamente o caminho à boa compreensão e apreciação da obra literária, função elementar da crítica” (Holanda, 1951c, p.1). Para exemplificar este tipo de crítica, ele lembra uma

conferência de Cannabrava, que “se fazia arauto do pensamento que tende a favorecer a absoluta emancipação do idioma da poesia”. Esse pensamento, segundo ele, extrai a definição da linguagem poética por meio de sua oposição perante a linguagem científica. Isso ocorre pois, de acordo com essa visão, a linguagem da poesia gera imagens impossíveis do ponto de vista da linguagem científica, ou seja, por sua oposição à realidade científica, que as imagens da poesia podem oferecer uma admirável sugestão poética.

Neste e em outros artigos Sérgio Buarque questiona a capacidade interpretativa de tal concepção, sobretudo, quando dirigida a interpretar a literatura do passado e assinala que precisamos reconhecer “o caráter relativo do julgamento crítico”. O autor termina o artigo de maneira irônica, afirmando que não “ousará” ir adiante em suas conclusões para que não tenha de “dar razão a um jovem crítico de São Paulo” que o acusa a pertencer ao grupo dos que agem em defesa de uma tomada de posição historicista no exercício da crítica literária.

A resposta de Cannabrava veio em artigos publicados no suplemento *Letras e Artes*, do jornal *A Manhã*, e no suplemento do *Diário Carioca*. Em “Crítica e Poesia” (1951a), primeiro da série, ele permanece no terreno da crítica literária, reafirmando sua definição da linguagem poética. Em sua visão, o crítico deveria investigar de forma privilegiada as estruturas e as propriedades que distinguem essa linguagem das demais. No artigo seguinte, “Natureza e sociedade”, ele investe sobre os domínios de seu oponente ao dissertar sobre as questões metodológicas da sociologia. Cannabrava discute as definições em torno da separação entre ciências históricas e naturais, salientando “pontos fundamentais que se relacionam com as deficiências e irremediáveis desvios da atividade especulativa entre nós”. Esses pontos fundamentais estão relacionados, segundo ele, à separação entre ciências naturais e ciências históricas aceita por muitos intelectuais como Sérgio, que concebem as ciências “histórico-culturais” como irreduzíveis às técnicas das ciências naturais. Assim, lamenta Cannabrava: “se tornou muito comum entre historiadores e sociólogos, o tratamento indiscriminado de questões que pertencem a esferas ou níveis de conhecimento bem diversos” (Cannabrava. 1951b, p.1)

Na mesma edição, Sérgio Buarque publicou “História e Natureza”, onde busca sublinhar os erros de Cannabrava sobre a relação entre as metodologias das ciências sociais e das ciências físicas. Sérgio Buarque escreve palavras duras: “ostentando uma erudição fácil e falaciosa o sr. Euryalo Cannabrava não quer saber dos entretons” (Holanda, 1951d, p.1). Para ele, as questões estéticas despertam o interesse de seu interlocutor porquê da forma como ele as define, por um rigoroso contraste com as filosóficas e as científicas, fica assentado que cada qual terá seu terreno intransferível. Desse modo, a crítica de Sérgio Buarque recai sobre esse pretenso fechamento.

Dando sequência à discussão, Sérgio Buarque publica uma série de três artigos intitulados “Poesia e Positivismo” (1951e; 1951f; 1951g), onde sublinha a existência de dois polos na crítica literária, o “impressionista”, segundo ele já bastante evidenciado quanto às suas limitações, e o polo oposto, representado por aqueles que buscam princípios rígidos válidos para todos os casos. Buarque centra o alvo de suas considerações sobre o segundo grupo, ressaltando sua atitude autotélica, que ele define como sendo a crítica que tem em si mesma a sua finalidade, emancipando-se das próprias obras que elas tomam para o seu exercício. Ele

nota que, embora a “nova crítica” tenha surgido em “oposição confessada ao ‘espírito científico’ positivista, seus frutos estavam, contraditoriamente, seduzindo ‘novos positivistas’”.

Em resposta, Euryalo publica o artigo “Crítica e julgamento estético” (1951c), onde reitera sua visão sobre a necessidade da crítica se ater aos aspectos estruturais da obra enquanto uma linguagem específica e apartada das demais. Nesse sentido, o autor argumenta que a cada criação artística, como a poesia, a música ou a pintura, possuem sua linguagem específica, bem como a ciência, e tais linguagens não seriam apreendidas por aqueles que desconhecem as características essenciais de cada uma. Da mesma forma, ele sublinha a necessidade de separar a representação estética da criação propriamente dita. A primeira, de onde se origina a crítica, é passiva e contemplativa, enquanto a segunda é ativa e se exterioriza por processos dinâmicos.

Na edição de 9 de setembro de 1951, do suplemento do *Diário Carioca*, Sérgio Buarque publica “Invenção e Convenção?”, e Euryalo, “Poesia e Linguagem”. Em seu artigo, Buarque reitera que não é possível para atividade crítica abordar uma obra apenas por meio de seus conteúdos internos, ou seja, pela “forma”, sendo preciso levar em conta seu “fundo”, isto é, os condicionantes históricos e sociais que a contextualizam: “De onde a insuficiência de todas as teorias que tendem a abstrair qualquer dos dois aspectos inseparáveis de uma só e mesma realidade” (Holanda, 1951h). Cannabrava, em contrapartida, assinala o perigo implícito na tentativa de conciliação entre as duas dimensões da obra literária, reiterando a separação entre os aspectos sócio-históricos e estéticos (Cannabrava, 1951d).

Nas semanas seguintes, Cannabrava publica “Ciência e poesia” (1951e), sendo respondido por Sérgio Buarque em “Poesia e Ciência” (1951i). Mais uma vez, de ambas as partes as considerações se dão em torno das possibilidades de separação entre a linguagem poética e a científica, argumentos que já haviam sido apresentados nos artigos anteriores. Ao nomear seu texto a partir da inversão dos termos do título do artigo de seu debatedor, Sérgio busca assinalar a compreensão invertida que Cannabrava mantém sobre as relações entre a crítica literária, e a experiência artística como um todo, e os condicionantes sociais da produção e apreciação das obras.

Dando mostras de esgotamento do debate, Euryalo põe fim a “conversa”, publicando o artigo intitulado “Amicus Sergius, Sed Magis Amica Veritas” (1951f), onde afirma que, embora o debate fosse interessante, sua “amizade” pela verdade jamais permitiria o consenso entre os dois. A esta altura, o tom belicista ficou tão pronunciado que o artigo saiu com uma nota editorial alertando que “cumpre-nos ressaltar que, na vivacidade da controvérsia, o autor se deixou levar a uma censura ao crítico oficial do *Diário Carioca* (Sérgio Buarque), que este suplemento publica pelo respeito habitual às opiniões pessoais de seus colaboradores” (*Diário Carioca*, 04/11/1951).

O debate entre Buarque e Cannabrava, que reconstituímos de maneira quase exaustiva, expressa de maneira exemplar os pontos de nossa argumentação sobre a especialização e sobre as relações entre ciências sociais e crítica literária. Nesse sentido, Cannabrava não representava a figura do “especialista”, que começava a ganhar relevância naquele momento, apesar de possuir uma sólida ligação com a vida intelectual. Após sua formação em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, ele atuou como professor de Filosofia e História da

Filosofia no Ginásio Mineiro de Belo Horizonte. Foi professor de Psicologia e Lógica entre 1931 e 1932 na Universidade de Minas Gerais. Em 1937 foi o diretor do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil. Também foi diretor do Instituto de Investigações Educativas do Distrito Federal entre 1937 e 1940. Nos anos 1940 e 1950 atuou sobretudo como filósofo e crítico, ocupando o cargo de editor estrangeiro da Revista *Philosophy and Phenomenological Research*, além de ser o único filósofo brasileiro apontado como Fellow, por dois anos consecutivos (1944-1945), da John Simon Guggenheim Memorial Foundation nos Estados Unidos.

Na visão de Sérgio Buarque, os críticos como Cannabriga entendiam a linguagem poética e seus códigos como um “campo” autossuficiente, invertendo a sequência “normal” do conhecimento, pois visto deste ângulo, o mundo empírico se torna epifenômeno do mundo simbólico produzido pela linguagem poética. Assim, esse tipo de crítica não carece de proposições bem integradas ao desenvolvimento histórico, preocupação central para Buarque de Holanda. Nosso interesse em resgatar essa contenda, passa ainda por mostrar que os sentidos da ideia de “científico” podiam assumir direções muito distintas. O conceito de especialização que gradativamente se impunha implicava um conflito entre os impressionistas, visto como diletantes, e os especialistas, pretensos portadores da novidade científica. Nesse contexto, o triunfo da especialização significaria o próprio “fim” da crítica tal como ela era até então entendida e consagrada. Em compensação, abria-se uma nova etapa, em que um conjunto de intelectuais universitários se legitimou sob a posse de modelos analíticos sofisticados, tanto no terreno da crítica literária como no campo das ciências sociais.

A trajetória de Sérgio Buarque foi celebrada na edição de 13 de julho de 1952, do suplemento do *Diário Carioca*, em comemoração ao seu cinquentenário. Os textos escritos sobre ele nessa ocasião ajudam a reforçar o nosso argumento, pois apresentam uma leitura sobre sua trajetória intelectual que aponta para essa relação entre ciências sociais e literatura, dentro de um quadro de busca por especialização, que estamos enfatizando ao longo deste texto.

Fazendo um paralelo entre os críticos do passado e Sérgio, o texto de Roberto Brandão diz que Silvio Romero foi um sociólogo do fenômeno literário, enquanto José Veríssimo foi um crítico literário. Romero, segundo ele, se debruçava sobre o fenômeno literário como fato social, como expressão figurativa de tempos, tendências, correntes, transformações mais gerais, e não sobre o fenômeno literário em si mesmo, ou seja, nos seus problemas de concepção e composição de estrutura. Essa abordagem que privilegiava o aspecto social o levou a cometer desacertos que não poderiam ser aceitos em um crítico de ofício, mas em Romero o sociólogo salvou o crítico ocasional, ou antes, o ensaísta crítico. Segundo o autor, essas duas tendências críticas se repetiram ao longo das gerações seguintes, marcando uma oposição entre aqueles que avaliam a obra de arte literária como fenômeno a ser estudado em si mesmo e aqueles que a encaram como um elemento representativo dos fenômenos sociais. Estas duas atitudes essenciais, portanto, dividem os estudiosos entre “os críticos literários propriamente ditos e os sociólogos”, o que na avaliação de Brandão faz com que ambos padeçam do mal de pertencer a apenas um dos campos, ressalva feita ao aniversariante:

Quer me parecer por isso que a importância maior de Sérgio Buarque de Holanda dentro do panorama e da evolução histórica da crítica literária no Brasil reside no fato de ter vindo para o ofício devidamente aparelhado de um equipamento intelectual que participa igualmente de ambos os campos, pela primeira vez, uma síntese da tese técnica e antítese sociológica na apreciação da obra literária (Brandão, 1952, p.2).

Companheiro de longa data de Sérgio, Rodrigo Melo Franco traça em seu texto um rápido panorama da obra do autor buscando ressaltar o caráter singular de seu pensamento e a multiplicidade de suas abordagens. Segundo Melo Franco, a capacidade de apreender os múltiplos aspectos dos fatos sociais, históricos e literários, tem tornado estranhamente cautelosa a expressão do seu pensamento (Franco, 1952, p.2).

O texto de Otávio Tarquínio de Souza também foi na direção de exaltar a erudição e o conhecimento do “mestre” e sua trajetória multifacetada. Esse artigo, em especial, pontua alguns aspectos interessantes sobre o sentido assumido pela imagem de sociólogo na composição da figura intelectual de Buarque de Holanda:

Alguém o aponta como grande historiador e está certo [...], mas é um historiador que figura também entre os sociólogos. É na crítica literária, entretanto que Sergio Buarque de Holanda deixa melhor transparecer os tesouros de cultura de que é possuidor. [...] Com efeito, há quatro ou cinco artigos polpudos acerca de um estudo histórico e sociológico sobre a pequena cidade paulista de Cunha (Souza, 1952, p.2).

De certo modo, a classificação de seus artigos como ensaios parece entrar em contradição com o tipo de imagem intelectual almejada por Sérgio Buarque, ainda que Tarquínio ressalve que estava “banida a menor eiva de diletantismo”. Em nossa percepção, essa fala transparece uma forma de oposição entre dois tipos de ensaios, um “científico”, admitido como conhecimento válido, e outro “dileteante”. De certo modo, é o que expressa também o artigo de Manuel Bandeira, que traz o título bem humorado “Sérgio, Anti-Cafajeste”. Bandeira equipara o aniversariante a Machado de Assis no que diz respeito ao fato de ambos terem logrado uma sólida e disciplinada formação intelectual em meio “ao atraso de nossa desordem”. Tal formação é o que confere seu caráter anti-cafajeste em um Brasil marcado, segundo o Poeta, pelo intelectual cafajeste (Bandeira, 1952, p.2)

Considerações finais: crítica literária e ciências sociais

Para Sérgio Buarque, a crítica literária deveria situar a obra dentro de seu contexto histórico e social, recusando a abordagem que a tratasse como um objeto fechado e isolado. Ele defendia que cada criação literária só poderia ser plenamente compreendida ao considerar os processos culturais, sociais e históricos que a atravessam, evitando julgamentos puramente formais ou estéticos. A obra literária, em sua visão, não existia de maneira autônoma; sua análise exigia reconhecer a relação intrínseca entre forma e conteúdo, entre expressão artística e realidade social. Assim, a crítica se tornava uma prática interpretativa que integrava dimensões históricas, sociais e estéticas, permitindo apreender não apenas o valor estético da obra, mas também seu significado dentro dos processos culturais e intelectuais mais amplos.

Nesse sentido, Buarque propunha uma crítica que ultrapassasse o tecnicismo ou o impressionismo, articulando sensibilidade e rigor analítico para compreender a literatura como fenômeno situado, vivo e inseparável de seu tempo.

Não pertence ao escopo deste trabalho apresentar possíveis falhas ou insucessos da proposta do autor. Nosso objetivo não foi avaliar criticamente a concepção desenvolvida por Sérgio Buarque como crítico literário, mas situar sua atuação na confluência entre literatura e ciências sociais, destacando como essa interseção se constituiu num momento em que o campo intelectual brasileiro passava por um processo de diferenciação e institucionalização disciplinar, levando o autor a formatar uma concepção própria. Ao privilegiar esse enfoque, buscamos compreender de que modo a crítica literária funcionou, naquele período, como espaço híbrido de reflexão sobre a sociedade, em diálogo com a formação das ciências sociais no Brasil.

O cenário de relativa indiferenciação das funções e o trânsito entre a literatura e as ciências sociais foi experimentado, de uma forma ou de outra, por quase todos os praticantes das ciências sociais no período, como Florestan Fernandes, Roger Bastide e Alberto Guerreiro Ramos (Maciel, 2024). Conforme assinala Antonio Candido, no Brasil, a literatura contribuiu com a formação de uma consciência nacional e com a pesquisa da vida e dos problemas brasileiros, sendo “menos um empecilho à formação do espírito científico e técnico (sem condições para desenvolver-se) do que um paliativo à sua fraqueza” (Candido, 2006, p.138).

Para além da crítica literária, as disputas empreendidas por Sérgio Buarque são sintomáticas do próprio processo de especialização pelo qual passava o campo científico. O ponto que devemos destacar é que esse processo implicou em redefinições internas não apenas para a crítica literária, mas também para as demais disciplinas. A homologia nos processos de especialização entre as disciplinas revela traços comuns do campo intelectual e torna possível questionarmos sobre o sentido assumido pelas ciências sociais na transição da crítica impressionista para o modelo científico. Nesse sentido, a sociologia foi mobilizada pelo autor como uma forma de garantir a pretensão científica, por meio da ligação que ela permite estabelecer com o contexto social de produção das obras.

Dando sequência à discussão, é possível observar que a inserção dos cientistas sociais no campo da crítica literária não se deu de forma marginal ou acidental, mas como parte de um esforço mais amplo de consolidação de um discurso sociológico no espaço público. A reforma da imprensa abriu espaço para uma inserção especial das ciências sociais no debate público. Os jornais diários ajudavam a suprir a necessidade de circulação do pensamento sociológico, permitindo que um público mais amplo tivesse acesso aos conteúdos dessas disciplinas. A atuação desses intelectuais contribuiu para a transformação dos parâmetros interpretativos da literatura ao mobilizar categorias analíticas e perspectivas oriundas das ciências sociais. Essa movimentação pode ser entendida como um desdobramento do processo de sistematização da sociologia no Brasil, que, à época, ainda se afirmava enquanto disciplina acadêmica e campo de saber específico (Maciel, 2024).

A crítica literária realizada por cientistas sociais como Sérgio Buarque de Holanda revela justamente essa tensão entre tradição ensaística e a emergência de um discurso mais especializado. Ao mesmo tempo em que recorriam a uma linguagem acessível e a uma

abordagem interpretativa ampla, esses autores buscavam conferir rigor metodológico e densidade analítica às suas leituras, aproximando a crítica da reflexão sociológica. Tal movimento não apenas renovou a crítica literária brasileira, como também ampliou os domínios de atuação da sociologia, permitindo sua projeção para além dos espaços acadêmicos. Nesse contexto, a crítica literária funcionou como um meio privilegiado de interlocução entre saberes, oferecendo uma arena em que a sociologia pôde exercer sua vocação interpretativa, dialogando com outras formas de conhecimento e contribuindo, assim, para a configuração de um sistema intelectual mais integrado. A análise desses cruzamentos nos ajuda a compreender como a sociologia, e a crítica literária, foram, aos poucos, adquirindo uma linguagem própria, diferenciando-se de outras práticas discursivas e afirmando-se enquanto disciplinas sistematizadas.

Referências

ABREU, Alzira A. et. al. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

ARNT, Hérís. *A influência da literatura no jornalismo: O folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990.

BANDEIRA, Manuel. Sérgio, Anti-Cafajeste. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13/07/1952.

BARBOSA, Francisco de Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BOTELHO, André. Uma sociedade em movimento e sua intelligentsia. In: BOTELHO, A.; BASTOS, E. R. & VILLAS BÔAS, G. *O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

BRANDÃO, Roberto. O Crítico Holanda, *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13/07/1952.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, A. Entre Duas Cidades. In: Marras, Stelio (org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: EDUSP, 2012.

CANDIDO, A. (org.). *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CANNABRAVA, Euryalo. Crítica e Poesia. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 17/06/1951a.

CANNABRAVA, Euryalo. Natureza e Sociedade. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 01/07/1951b.

CANNABRAVA, Euryalo. Crítica e julgamento estético. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 26/08/1951c.

CANNABRAVA, Euryalo. Poesia e Linguagem. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 9/09/1951d.

CANNABRAVA, Euryalo. Ciência e poesia. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 23/09/1951e.

CANNABRAVA, Euryalo. Amicus Sergius, Sed Magis Amica Veritas. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 04/11/1951f.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Outros Lados: Sérgio Buarque de Holanda, crítica literária, história e política (1920 – 1940)*. 2003. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2003.

COSTA, Marcos. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda. Escritos coligidos – 1920-1979*. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

COSTA, Marcos. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda. Para uma nova história*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

COUTINHO, Afrânio. Correntes Cruzadas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/11/1948.

COUTO, André Luís F. *O suplemento literário do Diário de Notícias nos anos 50*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

DIAS, M. O. L. S. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda, historiador*. São Paulo: Ática, 1985.

FRANCO, Rodrigo Melo. Singularidade e Multiplicidade de Sérgio. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13/07/1952.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Novos Rumos da Sociologia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 out. 1948.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tradição e Transição. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 10/10/1948.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tradição e Transição – II. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17/10/1948.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tradição e Transição – III. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24/10/1948.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Poesia e Crítica. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15/09/1940.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Missão e Profissão. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22/08/1948a.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Universalismo e provincianismo na crítica. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 07/11/1948b.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Província. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12/12/1948c.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tempo e Verdade. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/11/1948d.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Pássaro Neutro. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/11/1948e.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tema e Técnica. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 28/05/1950.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Silvio Romero. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 15/04/1951a.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Hermetismo e Crítica. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 06/05/1951b.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Hermetismo e Crítica II. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13/05/1951c.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. História e Natureza. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 17/06/1951d.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Poesia e Positivismo. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 22/07/1951e.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Poesia e Positivismo. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 29/07/1951f.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Poesia e Positivismo. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 05/08/1951g.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Invenção e Convenção. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 09/09/1951h.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Poesia e Ciência. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 14/10/1951i.

JACKSON, Luiz C.; BLANCO, Alejandro. *Sociologia no espelho*. Ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970). São Paulo: Ed. 34, 2014.

LAJOLO, Marisa.; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996

LIMA, Raul. Teoria e Prática dos Suplementos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 9/06/1946.

LORENZOTTI, Elizabeth S. 2002. *Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um Suplemento: Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo (1956-1974)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: ECA/USP. 2002.

MACIEL, Ricardo. 2024. *“Especialistas e Amadores”*: A Sociologia nos Suplementos Literários (1940 – 1969). Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2024.

MICELI, Sergio. Intelectuais e Classes Dirigentes no Brasil (1920-45), in *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 69-291, 2001.

PACHECO, Guilherme Pinheiro. 2016. *A crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos 1920-1926*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940- 1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. 2000. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

RIGO BORTOLUZZI, Larissa. 2019. *Jornalismo Cultural: dos suplementos literários do século XIX ao Webreview do século XXI*. 2019. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. *IAletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11 -17, out.1993.

SERRANO, Pedro Bueno de Melo. *A crítica bandeirante (1920-1950)*. 2016. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

SERRANO, Pedro Bueno de Melo. *A crítica carioca (1920-1950)*. 2022. Tese de Doutorado São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2022.

SOUZA, Octavio Tarquínio. Cinquentenário de um Mestre. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13/07/1952.

VIANA, Djalma. Suplementos do Último Domingo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17/02/1946.

Data de submissão: 01/08/2025**Data de aceite:** 01/09/2025